

Companheiros para o destino

Apontamentos da assembleia na Equipe
dos professores e educadores de Comunhão e Libertação
com Julián Carrón

por videoconferência, 4 de setembro de 2021

A Equipe dos professores e educadores de Comunhão e Libertação (CLE) é uma oportunidade de amizade, de diálogo e de encontro. Assim o demonstra a experiência de tantos adultos que, empenhados a vários títulos no mundo da educação dos mais novos, nela tomaram parte nos últimos anos.

O encontro deste ano – nas vésperas do início do ano escolar – era particularmente aguardado, não só pela alegria dum reencontro num clima menos tenso, mas também pela consciência de estarmos a atravessar um momento dramático, mergulhados num tempo que desafia o nosso eu.

O passado ano letivo, vivido entre a expectativa dum regresso à normalidade e quarentenas mais ou menos complicadas, tinha já sido caracterizado por formas e ocasiões de encontro inéditas – através das plataformas web – no âmbito dos Liceus: testemunhos, assembleias, grupos de estudo, que assistiram ao protagonismo de jovens em ação de forma criativa.

As férias de verão, provocadas por um desejo incontável de vida e de amizade, foram desejadas pelos jovens, que muitas vezes envolveram os adultos antes que estes tomassem a iniciativa, e revelaram-se lugares de encontros e de factos inesperados.

«Há uma brecha em todas as coisas, é assim que a luz entra», diz a canção de Leonard Cohen, Anthem. Esta expressa muito bem o caminho deste período. Dentro das numerosas brechas de uma realidade que nos mostrou o seu aspeto menos calmo e tranquilizador – o confinamento, o ensino à distância, os sentimentos de medo e incerteza –, introduziram-se possibilidades de luz imprevisíveis: encontros, amizades, renascimentos. Ninguém teria imaginado tanta riqueza no meio dum contexto aparentemente tão desfavorável. Porém, aconteceu!

Todavia, como tantas vezes nos é lembrado, não basta que a realidade aconteça diante dos nossos olhos (mesmo a mais incrível), porque é preciso um olhar atento para identificar aquilo que vibra dentro das coisas que acontecem, indo até à sua raiz; só assim as tornaremos verdadeiramente nossas e conseguiremos nunca mais as perder.

O espanto e a gratidão por estes factos reabriram perguntas sobre nós mesmos e sobre a nossa humanidade, sobre a graça do carisma encontrado e sobre a responsabilidade pessoal diante do mundo. Do desejo de enfrentar as perguntas e de ajuizar o caminho destes meses nasceu a ideia dum diálogo com Julián Carrón, que constituiu o núcleo dos dias da Equipe e que é aqui reproposto.

**padre Andrea Mencarelli
Francesco Barberis**

Francesco Barberis. Olá, Julián! Obrigado pelo teu tempo. «Cada um tem responsabilidade pelo carisma encontrado» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 123). Chegámos ontem à noite com toda a urgência da necessidade que somos e vivemos hoje um dia intenso: esta manhã com o padre Andrea, o César e o Alfonso (sobre as séries de Tv, os artigos dos jornais e a relação até dramática com o nosso coração); e depois do almoço vimos o vídeo da exposição do Meeting *Vivere senza paura nell'età dell'incertezza* (*Viver sem medo na idade da incerteza*), que documenta – entre outras coisas – a tua amizade com o Rowan Williams e o Charles Taylor.

Também nós, Julián, como tu, não queremos facilitar um segundo na relação com a nossa humanidade, feita de alegrias e de feridas, para captarmos contigo toda a dimensão do cristianismo na nossa vida. Esta manhã comovi-me quando, nas Laudes, repetimos aquela frase: «Sereis minhas testemunhas, até aos confins da terra» («Responsório», Laudes, manhã, sábado, *O livro das horas*, Comunhão e Libertação, Lisboa 2003, p. 187), e perguntei-me: mas testemunhas do quê? Pois bem, queremos permanecer em relação, em diálogo contigo, Julián; é por isso que te agradeço, que te agradecemos.

Vamos começar.

Este ano aconteceram-me várias coisas que foram para mim uma ocasião para ir ao essencial daquilo que encontrámos. Uma jovem procurou-me e começou a conversar comigo, um pouco como Nicodemos, sem dizer nada aos outros colegas. Disse-me: «Pensam todos da mesma maneira e eu preciso de alguém que, pelo contrário, introduza alguma coisa de diferente». Outra aluna, na última aula sobre Santo Agostinho, interveio dizendo: «Como é que se pode imaginar um Deus que cria o mundo e pronto, e depois acaba ali? É impossível». Dei-me conta, com surpresa, disto: durante anos, sofri com o facto de que tantos jovens, em certas ocasiões, se apercebiam duma originalidade, duma diversidade, durante algumas aulas, mas depois isto não se tornava uma história, não provocava nenhuma “conversão” e ninguém sonhava em vir aos Liceus. Percebo agora que não é este o ponto, mas sim aqueles momentos em que se abre uma fenda através da qual se possa introduzir um ponto de luz. A questão está, pois, nas mãos deles e de Deus, e será necessariamente deles o diálogo com o Senhor. Quando nós dizemos:

«Libertar-se da forma», eu pensava que significava libertar-se de determinadas formas no âmbito dos Liceus; em alguns aspetos, pode ser que eu deva libertar-me delas, como por exemplo do pensamento de que «se não vem aos Liceus, isso não está bem»; mas não é esse o ponto, porque as coisas não estão nas minhas mãos. Isto está a tornar-se para mim um ponto de conversão, e foi possível graças ao percurso que fizemos nestes anos, desde A beleza desarmada em diante. Dou-me conta de que a questão mais importante é que existam lugares de liberdade, nos quais seja possível educar para a liberdade. Este ano, num momento em que a escola pública estava fechada e os jovens não se podiam encontrar à tarde, a existência de um lugar como Portofranco (centro de apoio ao estudo dirigido aos alunos do secundário), para onde os podíamos convidar, foi uma coisa preciosíssima. Em tudo isto, parece-me que existe também, nalguns aspetos, uma superação do dualismo, porque não quer dizer que quando tu dizes: «A questão é que encontrem Deus», então te esqueces de avaliar o ponto em que estás também do ponto de vista operativo. Estas coisas estão a impressionar-me muito, pessoalmente.

Julián Carrón. Isto revela o percurso que fizeste: como, aos poucos, através daquilo que encontras diante de ti na realidade, neste caso, os teus jovens, és chamado a decidir: abraçaste-os tal como são, deste-lhes espaço para que pudessem fazer um caminho. Com efeito, disseste: «Aquilo que me interessa é que, acima de tudo, sejam lugares de liberdade», onde os teus alunos possam fazer as suas perguntas, expondo-se, antes ainda de querer “educá-los” a qualquer coisa. Isso só poderá acontecer se eles aceitarem implicar-se numa relação. É sintomático que os jovens de que falaste te tenham procurado. Porque, no fundo, não estão em paz. Ainda que tenham a possibilidade de falar, de exprimir-se, isso não basta para estarem em paz com as suas perguntas, com uma coisa que é irreduzível. É isto que é preciso reconhecermos neles. É a coisa que surge mais claramente na exposição sobre as séries de televisão que vimos no Meeting, mas também na literatura e na arte no tempo da secularização: existe nas pessoas uma irreduzibilidade que está apenas à espera de alguém capaz de a identificar, de alguém que saiba abraçar as perguntas de que é feita. Não se trata de levar as pessoas a alguma coisa projetada por nós, mas de viver com elas um diálogo totalmente leal, de homem para homem, para que cada um possa fazer o seu próprio caminho. Parece-me que isto, como tu dizes, nos chama a todos nós a uma conversão:

abraçar a humanidade que encontramos à nossa frente, as samaritanas e os Zaqueus do nosso tempo. Como irá evoluir o encontro, dependerá da liberdade das tuas alunas, é um problema da relação delas com elas mesmas e com o Mistério. A nós cabe-nos uma única coisa: sermos nós mesmos diante delas, verificando se somos capazes de dialogar com a sua irredutibilidade. É um belo desafio para nós!

Falava-se do declínio ou do crescimento do carisma e eu, neste período, dizia-me: «Não sei se dou fruto, sei seguramente que nestes dois anos seguir o carisma me tornou cada vez mais livre para ouvir a minha humanidade e, portanto, mais sensível às feridas e dramas que estão por detrás de determinados olhos e determinadas situações». Houve mais sentimento e, logo, mais expectativa em ver como é que Cristo se tornava presente. E isto começou graças à tua carta de há dois anos sobre a pandemia – Viver intensamente o real – e ao trabalho deste verão sobre o não nos confundirmos em relação ao verdadeiro inimigo, que é o niilismo. Há, porém, uma questão em relação à qual me sinto frágil e que nestes dias alguns amigos continuam a colocar: «Diante dos dramas que encontramos, a questão não é a análise ou as coisas a fazer, mas estar ali, consciente de que estás presa e que Ele já está em ti. Não tens de fazer mais nada a não ser estar ali e existir». Então tu dizias: viver diante deles, em diálogo com eles. Interessa-me aprofundar este ponto, porque me parece que o meu eu, ainda que preso, é sempre muito pouco. Conto uma pequena coisa a este respeito. Este verão, um grupo dos nossos jovens convidou-me para passar um dia com eles na montanha; insistiram, eu disfarçava. Depois, a certo ponto, precisamente porque insistiam, disse: «Vou ao jantar», e eles começaram a dizer: «Então vem ao jantar, eh! Estamos à tua espera!». Estavam em cima de um vale, eu estava na cidade, por isso era preciso uma hora e meia de caminho para lá chegar. Começou a chover e as de lá de casa dizem-me: «Não vás, és doida!». Respondo: «Não, os miúdos estão à minha espera, vou lá». Enquanto ia, continuava a perguntar-me: «Mas por que é que estes miúdos me querem?». Ao princípio, tinha pensado: «Porque os levo de carro», mas depois tinham-se desenrascado sozinhos. Apercebo-me então de que uma data de vezes, diante da abertura de alguns alunos, de alguns colegas dos Liceus, não me considero aquele ponto através do qual Jesus vai ao encontro deles, eu convidá-los-ia a

seguir outra pessoa. Acabo por ir, porque é muito grande o sentimento por aquele ali, por aquela ali, mas por mim escapava-me...

Também eu!

O que quer dizer, então, crescer nesta consciência de que «és Tu que vives em mim», livres, verdadeiramente, da nossa própria inadequação?

O primeiro dado a reconhecer é que o *como* não és tu que decides. No que tu contaste, foram os teus jovens que te tornaram consciente daquilo de que tu não estavas consciente, daquilo que trazes contigo; por isso são preciosos para ti (é a razão pela qual eu sempre disse que «o outro é um bem para mim»): neste caso, aperceberam-se de algo diferente em ti, outras vezes ter-te-ão criticado, mas ajudam-te sempre a tornares-te consciente de ti, introduzem-te a um caminho e, portanto, tornam-se amigos, companheiros para o destino. Tu não pudeste deixar de ter em conta aquele apelo deles, aquela insistência, mesmo ainda antes da decisão que tomaste! Eles não ficaram ali à espera que tu resolvesse as tuas opressões, insistiram e insistiram, e pronto. Como faz a criança com a mãe: não sabe que horas são, se ela está cansada, se está preocupada, mas só a quer a ela, devido a uma necessidade que sente e então chama-a, insiste; e a mãe tem de decidir se acolhe o seu grito, se lhe dá resposta, se a ouve, ou então se não faz caso dela. Somos chamados a uma maternidade e a uma paternidade. Todos, em determinados momentos, podemos ter a tentação de nos escapulirmos de uma relação, e isso é normal, faz parte de um caminho de conversão que nunca se realiza a partir de fora, como resultado de um projeto nosso. Por isso surpreende-me sempre a frase que ouvi uma vez dizer a don Giussani: «A nossa responsabilidade é a conversão do eu ao acontecimento presente», ou seja, ao acontecimento que se dá diante dos nossos olhos. Não é por força dos teus projetos ascéticos, feitos à volta duma mesa, mas é através da modalidade com que Ele te chama a responder que se renova e se aprofunda a tua conversão. Aquilo que aconteceu e que tu contaste constrói a tua vida, tal como constrói a vida dos teus alunos: neste entrelaçar verdadeiramente surpreendente, eles tornam-se companheiros de caminho para o teu destino. Muito diferente dum formalismo! É como se em muitas ocasiões se abrisse um diálogo vertiginoso e ao mesmo tempo lindíssimo, porque encontramos-nos diante do facto de que, na situação que vimos descrita na exposição e nos diálogos desta manhã, neste momento humanamente dramático, há jovens nos quais vem ao de cima com clareza a

irredutibilidade do humano. Isto é já a primeira derrota do niilismo! E é espantoso para nós, pelo menos para mim é! Obrigado.

Sou médico, não sou professor, mas estou envolvido na realidade dos Liceus. No final deste ano letivo, tratava-se de perceber se devíamos ou não fazer umas férias juntos. Eu não queria fazê-las: estava muito cansado, vivia um momento verdadeiramente duro no trabalho e depois repetia para comigo: «É um período em que os jovens estão muito esquivos», e parecia-me que, de alguma maneira, estava a forçar as coisas. Até que me ligou um pai e me disse que o seu filho, depois de um ano inteiro em ensino à distância, já não saía de casa, e mesmo quando os amigos passavam por lá, já não queria ir com eles; a casa tinha-se tornado o seu refúgio. Isto impressionou-me e entristeceu-me verdadeiramente; até me surpreendeu que me tivesse entristecido tanto; tive a percepção de que aquele rapaz, em certo sentido, me pertencia e eu lhe pertencia a ele. Isto “incomodou-me”, fez-me voltar atrás e por isso propus as férias. Mesmo aqueles jovens que ao princípio me pareciam esquivos, aderiram logo. Percebi, em primeiro lugar, o quão superficial era o meu juízo sobre eles. Pensava que eram os jovens que estavam distantes de si mesmos quando, afinal, era eu que não tinha percebido exatamente o que tinham no coração. Aquilo que para mim ficou muito claro é que ia de férias não porque tinha de lhes explicar a realidade, como viver, etc., mas porque era eu que precisava de estar com eles, de os conhecer melhor e de perceber melhor aquilo que estavam a viver. Também o formato das férias foi “influenciado” por isto, porque não consegui pensar nelas senão a partir daquele rapazinho que não queria sair de casa. Todas as férias tiveram como tema os cinco sentidos, ou seja, a descoberta da realidade. A brincar, dizia-lhes: «Rapazes, esta é a descoberta dos cinco sentidos!». Foram umas férias lindíssimas, foi descobrir a realidade na sua beleza e positividade antes ainda do que na sua incapacidade de responder ao coração do homem. Às vezes ficamos bloqueados nesta segunda passagem – a realidade não responde ao coração do homem –, mas eu tive a percepção de que ali estava necessitado, acima de tudo, de descobrir a realidade na sua beleza e positividade. Naquele momento, pensei que não poderia nem de longe ter pensado numa coisa daquele género sem o décimo capítulo d’ O sentido religioso, que me deu um olhar completamente novo sobre a realidade.

Acrescento ainda outra coisa. Como, entre nós, seguíamos recomendações prudentes, em relação às condições sanitárias, ao propor aos pais a ficha de autorização para os menores veio-me a vontade de eliminar “férias organizadas pelos Liceus” e escrevi “férias organizadas por mim, nome e apelido”: assumia a responsabilidade in toto, porque me parecia que isso respeitava mais todos os fatores. Nem por um segundo o entendi como uma espécie de personalismo, ou como uma possível divisão entre mim e os Liceus. Vieram-me à cabeça aquelas palavras da Escola de Comunidade, onde se diz que o encontro totalizante não é um âmbito de relações, mas a forma das relações, e parecia-me que este era o meu caso, porque o verdadeiro lugar do templo é o eu, não pode haver templo senão no eu. Este é o verdadeiro desafio. Este ano foi uma enorme oportunidade para que cada um de nós pudesse crescer em responsabilidade. Todos os meus amigos enfrentaram, de alguma maneira, este desafio, mas paradoxalmente souberam enfrentá-lo melhor aqueles que mais foram feridos por aquilo que estava a acontecer nos jovens, nos filhos. Este ano, na minha opinião, apresentou desafios enormes, bem mais do que uma troca de meios (da presença física aos sociais), em que foi colocada em jogo a identidade, o sentimento de si. São desafios grandes e é compreensível que uma pessoa se sinta perdida diante deles. E quem se sentiu mais ferido, inadequado, despreparado, foi quem deu um passo maior: acolhendo esta inadequação, descobriu-se não apenas um professor melhor, mas também um pouco mais pai e mãe, com uma flexão diferente na forma de estar com os jovens. Em suma, é verdadeiramente necessária uma brecha para que passe uma luz nova, como se dizia esta manhã.

Este ano, devido a todas as restrições sanitárias, não pudemos fazer gestos todos juntos. A situação era pluricêntrica: um grupinho aqui, outro acolá. Cada um de nós, adultos, sentiu com dor a ausência do amigo, a ausência do outro. Descobri a beleza, o desejável que há no “nós”, não devido a um vínculo externo, mas no seio da experiência do eu. Também devido às contingências históricas que estamos a viver, parece-me um ponto importante: a possibilidade de descobrir a beleza do “nós” não devido a um vínculo externo ou por razões estatutárias, mas como um ganho do eu, fortes só com a beleza desarmada, com a atração. É um desafio que estou contente por viver. É um desafio fantástico! Tu sentes os jovens esquivos, mas assim que aparece um que te impressiona e te entristece porque não quer sair de casa, sentes uma

ligação com esse rapaz e isso volta a pôr-te em movimento, fazendo-te reconhecer que o juízo que tinhas feito era superficial. Consequentemente, comesas a ver o quanto também tu precisas deles. Começa um percurso que te leva a descobrir cada vez mais, juntamente com eles, o que é a realidade até à sua fonte, como diz o capítulo décimo d’*O sentido religioso*. Quanto ao encontro totalizante não como âmbito de relações, mas como forma verdadeira das relações, por um lado, o teu «eu» joga-se diante deles, mas, por outro lado, ao mesmo tempo – como tu viste depois –, não podes experimentar (também pelo facto de não poderem fazer gestos juntos) que não te basta fazer este percurso “teu” com eles, tanto assim que desejas introduzi-los à experiência de um «nós». É muito bonito ver como isso acontece: seguindo a realidade tal como ela vem ao nosso encontro, nós somos levados a alargar cada vez mais o olhar até à pertença; basta seguir a atração, e – como disseste no fim – não seria uma verdadeira atração se o «eu» não se encontrasse envolvido com um «nós». Muitas vezes, devido a um formalismo, o «eu» é contraposto ao «nós». Se uma pessoa levar a sério a presença do outro, é inevitável que sinta saudades quando ele não está, como tu sentiste a necessidade de estar com os teus jovens: este ano não puderam fazer gestos juntos, e isso levou-te a sentir saudades deles, uma saudade que te abriu de maneira nova à relação com eles. Porque o teu «eu» tem lá dentro o «nós» como forma verdadeira da relação. É muito bonito descobrir que este entrelaçar, que este diálogo com os jovens serve acima de tudo para nós; descobrimo-los cada vez mais como companheiros de caminho, como um bem que nos “impele” a uma relação com eles, dramática e ao mesmo tempo totalmente respeitosa dos seus tempos, tal como dos nossos.

Querida contar dois episódios breves que me aconteceram no fim do ano. No último dia de aulas entrei no quinto ano e encontrei os jovens em silêncio; em vez de estarem em festa, estavam em círculo em silêncio absoluto, enquanto partilhavam a sua experiência escolar com uma colega minha. Senti espanto e admiração, mas ao mesmo tempo também algum desconforto porque – admito-o – senti um bocadinho de inveja. Desejei tantas vezes que um momento assim pudesse acontecer comigo, e em vez disso aconteceu com outra com quem não tive uma grande ligação. Este facto suscitou duas perguntas. A primeira: não é verdade que nós somos melhores porque somos

de CL, com efeito os meus colegas estão metodológica e humanamente mais à frente do que eu, e eu sou aquela que desmascara o mito. Então perguntei-me: qual é a minha diferença? De que natureza é? Não é certamente de natureza performativa. A segunda pergunta que me surgiu é uma pergunta de sentido, pungente, melancólica: o que é que fica de mim nestes jovens? Se eu pensar bem, é o tipo de pergunta que sempre me acompanhou: estou a pensar na rapariga que eu era aos 17 anos, quando não suportava o verão (porque me sentia muito sozinha, dado que as minhas colegas de turma desapareciam), ou penso em quando me apaixonei por um rapaz que me disse que não. Como é que podia lidar com aquilo? O meu pedido de bem não encontrava resposta, porque o meu desejo de amor e de amizade eram mortificados, eu tornava-me violenta e dentro de mim prevalecia um ressentimento corrosivo. Agora aquele pedido de bem e de sentido é o mesmo, idêntico, mas eu sou diferente, porque após trinta anos de caminho dou-me conta de que posso estar diante dos meus pedidos de forma diferente. Percebi que se espero uma resposta, se continuo a olhar verdadeiramente, chega sempre qualquer coisa; em suma, eu agora sei a Quem faço o pedido, a diferença está toda aqui.

No fim do ano tinha proposto aos meus alunos passarmos um domingo juntos, e entre todos os interpelados só um tinha respondido; entretanto, tinha estendido o convite também a outro professor amigo que estava a organizar para aquele dia um passeio na montanha. Dado que o meu programa se tinha esfumado, convidei o meu aluno a juntar-se ao passeio na montanha. Tinha-se assim formado um grupo muito heterogéneo, composto por alunos, professores, ex-alunos, amigos vários, pais dos alunos. No final do passeio, paramos à beira do caminho, à sombra, para almoçar. Uma rapariga universitária tinha preparado as poesias de guerra de Ungaretti; quando se preparava para começar a lê-las e comentá-las, chega um grupo de excursionistas que tinha de passar por aquele caminho, e decide parar e ouvir connosco e cantar os cantos alpinos que tinham sido preparados. Os excursionistas ficam maravilhados com tanta beleza e perguntam-nos: «Mas quem são vocês? O que é que fazem?». Eram professores, e não queriam acreditar que fosse possível ensinar na montanha, recitando poesias e cantando cantos alpinos. Até que uma delas exclama: «Esta é a escola italiana que eu quero!». Foi um domingo verdadeiramente especial. Por três motivos. Um: porque se eu tivesse ficado presa ao que tinha programado e que não

tinha ido para a frente, não teria acontecido nada. Dois: confiei e segui aquilo que uma amiga tinha proposto. Três: às vezes nem me dou conta do tipo de educação que recebi nestes anos, ao passo que outros o notam, a ponto de causar uma emoção em quem nos observa. Não se trata de uma capacidade performativa ou organizativa, mas da minha consciência de ser filha de uma história que me gera e à qual vou continuamente buscar linfa. Está tudo aqui. Estão a ver? É isto, que no fim de contas, fica do percurso que fazemos. Às vezes uma pessoa pergunta-se: «Onde é que está a diferença?». Se fazemos um caminho, aos poucos e poucos, a diferença não pode deixar de aparecer cada vez de forma mais clara. Mas isto não se documenta necessariamente na forma e na modalidade que nós temos na cabeça. Às vezes pode acontecer no silêncio da sala de aula ou durante um passeio. Não somos nós que decidimos quando é que uma diferença se torna evidente e é reconhecida. Mas quando acontece, não nos detenhemos na medida reduzida com que sempre temos a tentação de nos julgarmos a nós mesmos, mas sigamos o caminho da autoconsciência, que é aquele que nos é necessário para viver! Como é que isto se declina no real, ou quando é que floresce, o que fará o Mistério com o nosso «sim», só o iremos descobrir quando Ele quiser. Por isso não nos detenhemos no sucesso ou não do nosso desempenho, mas continuemos a viver o nosso «sim», para que a vida não se perca. Como é que o Mistério irá usar o nosso sim, será Ele a fazer-nos saber, às vezes no momento mais inesperado, como viste, a ponto de se tornar um espetáculo para aqueles excursionistas que dão por si a dizer: «Esta é a escola que eu quero!». A simplicidade de um gesto como um passeio na montanha deixa extravasar o amadurecimento daquela autoconsciência da qual tantas vezes duvidamos. No entanto, independentemente de quando surge aos olhos de todos, a questão é a plenitude que representa para nós viver a vida assim. O resto está nas mãos de Outro.

Querida contar dois factos que me parecem indicar para mim um crescimento do carisma. A experiência dos Liceus recomeçou para mim em pleno confinamento. O meu marido e eu decidimos acolher em nossa casa um rapaz do CLU (Comunhão e Libertação Universitários) que precisava de alojamento, e que veio viver connosco durante os meses do confinamento. A intensidade de amizade que vivemos com ele, o termos aceitado envolvermo-nos com ele com sinceridade mudou-nos a nós e a ele. A sua e a

nossa gratidão esteve na origem de uma novidade. Como que em troca do acolhimento recebido, lembrou-se, emocionado, dos miúdos do terceiro ciclo – de quem eu lhe tinha falado – que tinham acabado de fazer o exame; eram uns quinze, e ele não os conhecia. Pediu-me os seus números, ligou-lhes um a um para os convidar para nossa casa. Vivemos um verão de encontros, de cantos, de jogos, de jantares. Na esteira de tudo quanto tinha acontecido, no início deste ano chegaram aos Liceus uns trinta jovens: sem nenhuma estratégia, como se dizia esta manhã! Tudo nasceu da experiência vivida no confinamento, daquela intensidade de relacionamento, da gratidão que se seguiu: comecei a olhar para os jovens de outra maneira. Esta pareceu-me ser uma grande novidade para mim. Vou ao segundo facto. No passado setembro, encontrámo-nos com os adultos para decidir quando fazer Escola de Comunidade dos Liceus durante o ano, e decidimos fazê-la às 13. Só havia um rapaz que frequentava uma escola longe; voltava para casa às quatro da tarde, por isso, nunca iria poder vir. Pensando em como também eu tinha encontrado o Movimento quando tinha aquela idade, e que o Senhor me tinha vindo buscar no específico da minha situação, disse: «Também só para este rapaz eu faço um grupinho de Escola de Comunidade, se ele quiser, à noite; assim ele pode vir». Começámos ele e eu; aos poucos, convidou os seus amigos e agora são uma vintena de jovens cada vez mais ligados entre si. Saí disto mais crescida. Porém, tenho uma pergunta. Já lhe respondeste, em parte, mas ainda preciso de ser ajudada. Há alguns dias, encontrámo-nos com os adultos e estávamos já todos zangados sobre o que fazer este ano, quantos grupos, com quem, como, onde; quando esta manhã o padre Andrea disse para estarmos atentos em não estabelecer logo uma forma, perguntei-me: como não cobrir logo uma iniciativa nova com formas, como que querendo tomar nas mãos as rédeas daquilo que acontece?

Não te preocupes. São perguntas que podes fazer-te, porque é normal uma pessoa ter um mínimo de organização. A questão não é tanto essa, mas o dares-te conta de que quando viste que um rapaz não encaixava na organização da Escola de Comunidade pensada por vocês (como vês, há sempre alguma coisa que escapa aos nossos esquemas), tu respondeste à solicitação que a sua presença representava para ti e isso gerou um grupo maior do que aquele que já tinham: de um, passaram a vinte jovens, respondendo ao convite do amigo. É esta flexibilidade, é esta conversão nossa àquilo que acontece, o ponto. Tu

podias ter dito: «Está bem, esta é a organização que pensámos, quem pode vir, venha, o que é que podemos fazer de diferente?»; em vez disso, devido à gratidão por aquilo que te tinha acontecido a ti, mexeste-te por aquele rapaz. As coisas são sempre mais simples do que aquilo que imaginamos, porque não é uma questão de organização ou de iniciativas, mas de diálogo com a realidade que constantemente rompe os esquemas. É preciso apenas estarmos disponíveis para este diálogo, como tu estiveste. Quem poderia ter dito, quando começaste a falar com aquele rapaz, que essa seria a modalidade com que o Mistério iria chegar a outros? Esta flexibilidade, este estarmos atentos aos sinais do Mistério – como tu fizeste, e é surpreendente, primeiro acolhendo o rapaz do CLU, aceitando colocares-te em jogo na relação com ele, depois tomando a iniciativa com aquele aluno – faz com que tudo contribua para o nosso crescimento. Este crescimento está ligado à tua disponibilidade diante de alguém que não se encaixava no esquema – ainda que necessário: fazer a Escola de Comunidade às 13 – com o qual, com toda a vossa boa vontade, tinham tentado responder à necessidade da maioria dos jovens. Tudo isto te fez ver que o Mistério pode usar um caminho diferente para alcançar “uma” pessoa; e tu foste tão simples ao permitir a modalidade com que o Mistério te chamava através daquele rapaz. Nunca conseguiremos chegar a uma organização tão perfeita que nos poupe de sermos bons, ou seja, atentos e disponíveis aos sinais daquilo que acontece. Podias ter dito: «Como a organização é esta, paciência para quem não pode vir à Escola de Comunidade». Em vez disso, não, tu deste-te conta de que mesmo para um único rapaz que não encaixava no esquema valia a pena jogares-te pessoalmente. E depois ficaste espantada por ser aquela a modalidade através da qual o Mistério te preparava uma surpresa!

Nestes dois anos de pandemia, acompanhei sempre o mesmo grupo de alunos, dos 10 aos 12 anos; um deles tem um autismo leve, mas é muito empenhado; os colegas não notam nele esta dificuldade e pensam que prefere estar sozinho. É difícil favorecer as relações quando não se veem as dificuldades. A mãe é muito corajosa e encoraja o seu filho em tudo. Neste período falámos muito, para ajudá-lo a lançar-se em pequenos desafios: «Vai comprar um chocalinho no bar da escola», «Aprende o nome dos teus colegas», «Faz uma pergunta», «Tira apontamentos». No primeiro confinamento, parecia ter

regredido muito, tanto que no verão tinha dito à sua mãe que preferia que as aulas fossem sempre à distância e que em setembro não queria voltar à escola. No entanto voltou e os desafios foram muitos. No segundo confinamento (de janeiro a abril deste ano), teve as mesmas dificuldades. No fim do ano, a mãe estava um pouco preocupada, porque parecia que não tinha alcançado muitos objetivos, ainda que as suas notas não fossem baixas. A dada altura, perguntei-lhe: «Como é que correu o confinamento em casa?» e ela respondeu: «Não via a hora de que recomeçassem as aulas presenciais em abril». Eu repliquei: «É fantástico! Esse é o passo mais importante que ele deu nestes dois anos!». A mãe olhou para mim muito admirada, como se não se tivesse dado conta disso. Então continuei: «Isso quer dizer que está em relação com a realidade e que, a seu modo, se apercebe de que há um lugar que o desafia todos os dias a relacionar-se com os outros – professores e alunos –, que o arranca do isolamento, que o puxa para fora dos seus jogos e onde ele quer voltar!». A mãe olha-me, comove-se, põe-se a chorar e diz: «É verdade, é verdade», porque não se tinha dado conta disso. Este facto suscitou em mim muitas perguntas, mas sobretudo uma: o que é que me permitiu ver aquilo que descrevi? Como professora, tenho na cabeça muitos objetivos, mas aquele rapaz alcançou um objetivo que nem sequer me tinha passado pela cabeça: desejar estar presente na escola. E como é que eu via isto, e a sua mãe, que está sempre com ele e é tão atenta, não? Dei-me conta de que esta capacidade de ver vem da experiência do carisma. Uma das coisas que mais me ajudou este ano foi a Escola de Comunidade contigo todos os meses: a forma como acolhes cada intervenção, como fazes emergir o ponto mais verdadeiro do caminho de cada pessoa, educou-me; educou sobretudo a minha atenção, tornando possível que, por exemplo, me desse conta do passo de gigante do meu aluno autista, que poderia ter passado despercebido. Vejo que a descoberta mais importante deste ano foi – através de factos como aquele que contei – que a geração de mim mesma, do meu eu, não acontece quando me analiso ou quando estou preocupada com o meu desempenho, mas quando aproveito as ferramentas que me são dadas, que um Tu me dá numa companhia bem concreta, e me deixo gerar seguindo-a. Obrigada. Obrigada, fantástico! Porque esta geração de si, que nos testemunhaste, que nos vem da graça do carisma, que acontece seguindo a modalidade com que don Giussani nos introduz a olhar para as coisas em todo o seu fascínio e no

seu significado, é isso que faz a diferença. Todos tinham à sua frente a criança autista, desde a mãe aos colegas professores, mas só em ti, para tua própria surpresa, havia aquele olhar que te permitiu começar a lançar-lhe pequenos desafios (aprender os nomes dos colegas, ir comprar um chocolatinho ao bar da escola), em vez de apostar por baixo, pensando: «Não consegue, é autista, coitadinho!». Tudo isto, aos poucos, gerou na criança uma confiança que a levou a fazer coisas que não julgava ser capaz de fazer. O olhar que passou através de ti foi de tal forma generativo que lhe veio a vontade de voltar à escola, ao contrário do primeiro confinamento. É a este ponto que percebo que uma pessoa possa fazer a pergunta: «Mas de onde é que me vem este olhar? Onde é que o aprendo?». Aprendemo-lo num lugar generativo, porque, como diz don Giussani, «ninguém gera, se não é gerado» (L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, *Litterae Communionis*, n. 58, jul/ago. 1997, p. XXVI). Impressiona-nos que possamos estar cada vez mais diante da realidade por força de um lugar e da consciência do Tu que nele se torna presente, como se vê em tantas das intervenções. Não parece ser nada, aparentemente não é nada de impressionante: quem é que, na escola, se deu conta de que havia uma pessoa que olhava para o rapaz autista desta maneira diferente? Nem mesmo a mãe conseguia olhar para ele assim! Naquele olhar diferente joga-se o seu destino, tal como se joga o nosso destino. Como é possível não sentir toda a gratidão por pertencer a um lugar que nos gera assim a nós, em primeiro lugar? Como é possível não agradecer todos os dias a don Giussani por isto?

Eu queria voltar à questão da brecha. Não é, de facto, um exagero aquilo que vimos também nas séries de Tv. Há algum tempo que tenho cá dentro uma ferida grande, apercebi-me disso lendo “por acaso” uma lição tua. Dei-me conta da ferida e por isso foi doloroso, choroso, e tive de dizer-me: «O que é isto? Tens sessenta anos, trinta anos de vocação, o que é que se passa contigo agora?». E disse para comigo: «Bem, olha para ela, para essa ferida», uma ferida que depende da minha história, daquilo que aconteceu na minha vida. Comecei a fazer de tudo para a esquecer: distraí-me, tentei muitas respostas, mas aquela ferida permanecia. Um dia, durante o silêncio, reparei que naquela dor havia um ponto de gratidão. Foi um ponto de não retorno. É o único ponto de mim não banal, não saciado, não superficial, não pretensioso,

o único ponto no qual posso reconhecer verdadeiramente que “sou” necessitada, o único ponto que escapa a todos os meus cálculos, a todos os meus “faz por ti” e onde pode recomeçar o pedido da Sua presença, ou seja, da salvação. É o único ponto que, no fundo, me mantém desperta – e este é o motivo da gratidão – porque não me faz morrer no nada de uma vida às vezes não dramática, que vai sempre bem, em que eu fecho o círculo. Logo a seguir, disse-me: «A primeira vitória de Cristo está ali», porque sem Cristo, sem o modo como Cristo me alcança agora, sem o teu rosto e o desta companhia, eu não conseguiria sequer olhar para esta ferida. Não sei se me consigo exprimir bem, desculpem.

Claro!

Compreendi finalmente a importância desta brecha, por isso não queria eliminá-la, até porque é o meu verdadeiro eu. Toquei no meu verdadeiro eu. Não tem a ver apenas comigo porque sou feita duma determinada maneira, ou sou mal feita, sou demasiado dramática ou sei lá o quê; julgo que é este o ponto do humano, um dado que nos diz respeito a todos. É deste ponto que eu agora olho para tudo aquilo que me está a acontecer, os meus alunos, os meus colegas, a escola que começa, as pessoas da minha casa. É demasiado urgente para mim tê-lo presente para poder reconhecer a resposta quando acontece. Por isso, em última instância, sou grata. Dentro da dor, com o tempo, o que vence é uma grande gratidão. É esta a minha experiência de brecha.

Por que é que estás tão grata? O que é que descobriste em tudo isto? Na minha opinião, é decisivo dar-mo-nos conta disso, porque nós podemos viver durante anos a vida do Movimento, ou a vocação, sem conseguirmos perceber e abraçar a ferida. Porque é uma coisa que não podemos fazer sozinhos, pois não?

Não.

Ponto. Isto é crucial, porque então, precisamente porque tu não a podes abraçar sozinha, precisas de silêncio. Mas o que é o silêncio?

É um diálogo.

Não é ficares sozinha contigo mesma. O silêncio é deixar entrar o olhar de Outro sobre ti, precisamente porque sozinha não consegues olhar para a ferida. Tu releste por acaso uma lição, e isso facilitou-te olhares para ti mesma. A nossa humanidade é o recurso maior que temos para este diálogo cada vez mais intenso, cada vez mais profundo, cada vez mais arrebatador com Cristo, e é isto

que no fim de contas nos torna gratos. Dizia-o – como viram – no vídeo da exposição: creio que a lealdade com a minha humanidade me salvou a vida. *Don Giussani* disse-nos sempre isso, mas podemos ouvir formalmente as suas palavras: «Cristo [...] coloca-se como resposta àquilo que “eu” sou, e só uma tomada de consciência [...] terna e apaixonada de mim [este olhar pleno de ternura sobre si] [...] me pode abrir de par em par e dispor-me a reconhecer, a admirar, a agradecer, a viver Cristo» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra, 2012, p. 13). É isto que te pode ajudar a descobrir quem é verdadeiramente Cristo.

Isto não tem comparação com nenhuma outra coisa. Só quem percorrer este caminho será capaz, no mundo em que vivemos, de abraçar as feridas do outro; em vez de considerar as feridas do outro, os desastres ou as coisas que não correm bem como um obstáculo, irá olhar para elas como ocasião para encontrar Cristo. «Eu não vim para os que têm saúde, mas para os enfermos» (cf. *Mc* 2,17). Como citação está muito bem, mas no fundo não acreditamos! Não acreditamos verdadeiramente que só nos pobres – no sentido mais bonito do termo –, naqueles que não têm nada, que não se suportam, que vivem esta dramaticidade, se abre a brecha através da qual entra a graça de Cristo, como entrou em nós. Se nós formos os primeiros a percorrer este caminho, seremos capazes de não nos escandalizarmos com nada – nada! –. Poderemos identificar as feridas do outro, como a amiga de há bocado identificou no rapazinho autista, ou tu noutras pessoas, qualquer que seja a forma como surgem diante de ti. A questão – como vemos nas séries de Tv e como veem constantemente na escola – é se os jovens, como te aconteceu a ti, embatem num olhar capaz de as abraçar, sinal do olhar de Cristo que se debruça sobre as suas feridas. Ele debruça-se através daqueles que chamou; Cristo fez-nos participar primeiro deste abraço para que possamos, por nossa vez, abraçar outros. Caso contrário, com os nossos esquematismos, não entraríamos em relação com ninguém!

Ou entraríamos em relação superficialmente.

Insisto. Só quem fez este caminho pessoal poderá identificar qualquer ferida e poderá ver a brecha através da qual pode entrar a luz. Depois, quando o outro aceitar o nosso abraço, quanto tempo será necessário, quantos sorrisos serão necessários para fazer surgir no outro o primeiro sorriso de resposta, isso não está nas nossas mãos. Mas só o facto de sentirmos sobre nós este olhar

torna-nos verdadeiramente gratos que Tu estejas, Cristo. É isto o carisma. Quanto mais, como às vezes vemos olhando à nossa volta, diante de todas as feridas das pessoas, aumentam as regras para limitar de alguma maneira aquelas que transbordam, sem no entanto tocar no fundo do eu, tanto mais nós nos damos conta de que aquilo que é bom para nós será bom para os outros: como disseste, não outras regras e outras barreiras para conter o transbordar da nossa humanidade ferida, mas um olhar capaz de abraçar tudo de nós. Só o judeu Jesus de Nazaré nos olhou assim, «só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade», disse *don Giussani* na Praça de São Pedro em 1998. Não fomos mal feitos, fomos muito bem feitos por Deus! O problema é que muitas vezes nós pensamos que este nosso sermos «necessitados» é, no fundo, um limite...

Sim.

...e que a nossa desproporção estrutural é uma coisa a eliminar. Relembramos que a nossa aspiração é a de sermos autónomos, a de não termos necessidades, a de não sermos necessitados, que se somos necessitados quer dizer que somos mal feitos, que há alguma coisa que não está bem. Pelo contrário, Deus fez-nos assim necessitados precisamente para poder encher tudo com a Sua presença. Por isso uma pessoa é grata que tudo sirva para continuar o seu diálogo dramático com o Mistério. Só assim poderemos conhecer Cristo, caso contrário «até o nome de Jesus Cristo se torna um puro nome» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 13), disse-nos *don Giussani*. Vimos isso na exposição do Meeting, *Vivere senza paura nell'età dell'incertezza (Viver sem medo na idade da incerteza)*: não será um Cristo reduzido a puro nome que bloqueará a difusão do nada, como não impediu o esvaziamento das igrejas, transformadas em piscinas, bibliotecas ou restaurantes, nem poderá identificar as necessidades das pessoas. Como dizia Charles Taylor no início do vídeo da exposição: «Como é que eu evitei acabar como a maior parte dos moradores do Québec que, a partir de certa altura, ficaram muito zangados com a Igreja? Inesperadamente, nos anos sessenta, houve uma rebelião e muitas pessoas se afastaram. Por que razão é que eu não segui este movimento?». E por que é que também nós não acabámos assim, afastando-nos da Igreja? Não foi, decerto, devido a um discurso religioso genérico, mas a alguma coisa real, concreta, histórica, precisa: o carisma, através do qual Cristo se tornou presente na nossa vida, nos fascinou, nos

preendeu. Se não for isto o carisma, não interessará a ninguém, a começar por nós.

Tenho uma pergunta a partir de um facto que me aconteceu este verão. Um adulto convidou-me a conhecer os responsáveis dos Liceus doutra comunidade: «Isso poderia ajudar-te a revitalizar a realidade dos Liceus da tua cidade», disse-me. A ideia, com efeito, não era má! O problema era este: não tinha, com ele, uma amizade profunda. A sua provocação abriu em mim uma vertigem, porque me sentia julgado sobre a minha incapacidade de estar com os jovens. Hoje pedi ajuda a uma responsável aqui presente e a mesma provocação, na relação de amizade com ela, tornou-se ocasião de crescimento, de ser acolhido. Ora, parece que as provocações feitas por um amigo são ocasião de crescimento, ao passo que as mesmas provocações feitas por um estranho se tornam um problema para resolver, para evitar que o sentimento de incapacidade aumente. Pergunto: como estar mais disponível para as provocações, mesmo quando não vêm dum amigo e, aos poucos, começam a ganhar a forma duma autocrítica e até, talvez, dum fechamento em mim mesmo?

Eu julgo que a disponibilidade nasce da necessidade. Se tu tiveres uma gripe, não tens a perceção de teres necessidade de alguém que trate de ti; mas se tiveres um tumor, torna-se urgente encontrar alguém que responda à tua necessidade; e precisamente devido à profundidade da tua necessidade, não te deténs diante do carácter do médico que te pode tratar. Se depois o cirurgião for simpático, melhor. A nossa dificuldade é que muitas vezes não estamos verdadeiramente conscientes da necessidade que temos. Em vez de me sentir julgado por outro, poderia perguntar-me: «Vamos lá a ver o que está aqui no que ele me diz, vejamos o que me oferece». Não se diz que aquele adulto tenha adivinhado a sugestão que te deu, e devias ser tu a verificar se aquilo que te disse te facilita o caminho, te põe em movimento. Mas a questão fundamental é se nós partimos da consciência de que encontrar o outro pode sempre ser um bem. Isto é mais facilmente reconhecível se sentirmos a natureza da nossa necessidade.

Só o ser consciente da minha necessidade me permite captar a necessidade que surge cada vez mais claramente, de formas às vezes surpreendentes e dramáticas, na nossa sociedade. E é a consciência da minha verdadeira necessidade que me permite identificar quem pode oferecer-me uma resposta

adequada. Surpreendeu-me uma coisa que foi contada na Assembleia Internacional de Responsáveis. Uma professora universitária, que engravidou pouco antes da pandemia, tem uma conversa com um doutorando seu cuja mulher, grávida como ela, tinha acabado de perder o bebé; pergunta-lhe o doutorando: «A senhora, sabendo que ia acontecer tudo o que está a acontecer, faria de novo? Traria um filho ao mundo?». Noutra ocasião posterior, a professora perguntou-lhe por que é que ele lhe tinha feito aquela pergunta, logo a ela. E ele: «Porque não há muitas pessoas a quem se pode fazer uma pergunta assim» (“Por que pergunta a mim?”, *Passos*, n. 239, set. 2021, p. 18). A necessidade que temos é o detetor que nos permite identificar as pessoas a quem podemos fazer as perguntas que urgem dentro de nós. Por isso, quanto mais temos necessidade, mais podemos cuidar da experiência de outro. Por isso eu disse que a nossa disponibilidade é mais simples, mais fácil quando temos uma necessidade.

Lembro-me sempre do exemplo de Naaman: depois de ter feito todas as tentativas para se curar da lepra, vai ter com o profeta Eliseu, que lhe diz: «Vai, banha-te sete vezes no rio Jordão». Ele vai-se embora indignado, pensando que na sua terra há rios melhores do que as águas do Jordão, um rio sem importância. É esta a presunção. Mas os servos dizem-lhe: «Se o profeta te tivesse ordenado uma coisa difícil, não a deverias fazer? Quanto mais agora que te disse: “Lava-te e ficarás curado”». Ele foi e ficou curado (2Rs 5,10-14). Quando uma pessoa tem consciência da sua necessidade está mais disponível, na minha opinião, a acolher uma sugestão: «Vê se aquilo que te digo te pode ajudar a encontrar uma resposta para a tua pergunta».

A experiência deste ano introduziu-me a uma surpresa que queria confiar-te, e confiar-vos, ou seja, que o carisma é uma coisa que acontece, é como que uma renovação de humanidade nas pessoas que encontras, que sublinham um aspeto da presença do Senhor. Parecia-me estar a captar de forma nova e mais profunda que o carisma é o voltar a acontecer – nos encontros, nos factos, nos gestos que se fazem – dos traços de uma humanidade autêntica, que traz em si um excedente; são os traços da presença de Cristo, os traços de Outro. Dou três exemplos. O primeiro, durante um jantar, uma diretora que não conhecia aproxima-se de mim e diz-me: «Eu tenho de te agradecer muito, porque depois dos dois webinars em que te segui (tinha feito dois encontros

sobre questões profissionais) decidi recomeçar». Tinha acabado de perder um filho adolescente. O segundo, uma outra diretora inscreve-se na nossa associação depois de conhecer alguns de nós e manda-me um mail: «Irá soar-lhe supérfluo ou excessivo, mas sinto o dever dum sincero agradecimento pelo acolhimento. Eu, que sinto verdadeira dificuldade em sentir que faço parte de alguma coisa, encontrei um estilo e pessoas que me estimulam, me completam, fazendo-me sentir parte de uma comunidade». Terceiro, vou ter com um diretor que pertence ao Movimento e que está a viver um momento difícil; depois de algumas considerações negativas, começa a falar da forma como gere a escola, de como quer bem aos miúdos, de como está com eles; a certo ponto, diante dum cannolo siciliano (sobremesa típica siciliana, nt.), perguntei-lhe: «Na tua opinião, esta tua capacidade de estar na escola nasce de onde?», e ele desatou a chorar. Então disse-lhe: «Estás a ver? O carisma é uma coisa que nos prendeu de tal maneira pela raiz que – quase apesar de nós – prevalece e leva-nos a ser aquilo que somos». No aeroporto, abraçou-me antes de me deixar ir embora, pedindo-me para voltar. Dei estes exemplos autobiográficos para dizer que me parece ver que o florescer da humanidade daqueles que nos encontram nos restitui a possibilidade de descobrir um traço de Cristo inconfundível, um traço do carisma. Parece-me que esta identificação com o nosso carisma, seguindo-te a ti, aos gestos e à história do Movimento, é uma coisa muito pertinente para a profissão, diria quase que o carisma é a experiência mais profissionalizante que pode existir e nós só podemos viver disto, porque tudo o resto vem depois, como intuição, criatividade, brechas que se abrem, ideias que surgem, relações novas. Na Escola de Comunidade lemos que cada um deve preocupar-se em comparar os seus critérios com a imagem do carisma; ora, por aquilo que contei, percebi melhor que a imagem não é uma coisa minha, mas é uma coisa que acontece, uma coisa visível com a qual nos compararmos. A Escola de Comunidade diz que esta é a nossa virtude. Eu queria ser virtuoso e por isso peço-te para aprofundares.

Don Giussani afirma que «cada um [...] deve ter a preocupação de comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como este surgiu nas origens» (*Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 124). Por isso, não se trata de abrir uma discussão sobre qual é a imagem do carisma, porque cada um teria de dizer qual é a sua. A questão não se resolve com discussões, mas começa a

esclarecer-se quando acontecem coisas como as que estamos a ver, que vocês estão a relatar. Por que é que o carisma nos prendeu? Porque nos cruzámos com um fenómeno de humanidade diferente que abraçou o nosso ser. É esta a razão pela qual as pessoas ficavam presas a Jesus: «Nunca vimos uma coisa igual, uma intensidade de vida assim!». E é isto que se documenta constantemente: o florescer – como tu dizes – de uma humanidade tocada, gerada num lugar como este, através da graça do carisma. Don Giussani fez-nos penetrar num percurso para olhar o humano como ele no-lo deu a entender, de forma a verificarmos no presente a pertinência da fé às exigências da vida, e portanto, à profissão. Vimos quantas tentativas conseguem despertar o humano dos outros: uma pessoa consegue recomeçar depois da morte de um filho, outra que era relutante em fazer parte de alguma coisa sente-se acolhida e começa a ver que pertencer não é uma mortificação de si, mas um mais de si; outro ainda sente-se abraçado e pede-te para voltares a visitá-lo enquanto te leva ao aeroporto. O que há de comum em tudo isto, se virmos bem? Não é o terem-se posto de acordo sobre o que é a imagem do carisma; cada um verifica a imagem do carisma na capacidade que este desenvolve em nós de interagir de forma pertinente com quem quer que encontremos. Cada um deve verificar, na modalidade em que vive, com quem é capaz de interagir. Porque uma pessoa pode ficar presa a uma imagem correta, e está bem; pode até pensar que todas as outras estão erradas, e está bem; mas terá de verificar no concreto do que precisa para viver e o que lhe é útil para dialogar com os outros. Por isso me parece que o momento atual é uma ocasião fantástica, como se diz na exposição, para perceber qual é a verdadeira natureza do cristianismo; e qual é a verdadeira natureza do carisma. Porque não basta dizer: «Deus»; não basta dizer: «Jesus»; não basta dizer: «A Igreja», porque todos o repetiam e as igrejas esvaziaram-se. É por isso que me impressiona tanto a pergunta de Taylor: «Por que razão não acabei como toda a gente?». Por que é que temos este desejo, esta gratidão em nós? Por que é que experimentamos uma intensidade de vida que queremos partilhar com os outros? Por que é que temos uma capacidade de acolher? De onde nasce? Eu não encontro outra resposta senão esta: devido à nossa fidelidade ao carisma. Diante do desafio atual, cada um deverá ver onde vibra o humano, porque se não vibra, se através da experiência do carisma não floresce o humano, não sei a quantos interessará ainda. Parece-me que é uma oportunidade fantástica para todos nós. Esta é a única “virtude”.

Queria fazer uma consideração e uma pergunta. A primeira consideração é a comoção e a gratidão pelo caminho de graça que, como realidade do Graal (uma proposta de vida cristã dirigida aos alunos dos primeiros anos do terceiro ciclo), fizemos este ano. Tínhamos partido com uma grande necessidade, tornada explícita, e isso juntou-nos com uma fidelidade inédita. Foi-nos feito o dom de uma comunhão onde o tema não era o nosso papel, mas a nossa necessidade de ser, a nossa vocação. Partimos, no início do ano passado, do encontro com o alpinista Cucchi (feito também com os jovens), que lançou o tema: «Não quero viver inutilmente»; fizemos, em pequenos grupos, a Jornada de Início de Ano. Quando foi a Recolha de Alimentos, parecia que não se podia fazer nada, mas um de nós foi e fomos todos atrás dele. Entre os adultos, alguém pediu para percorrer o caminho da “promessa” (o gesto com que os jovens prometem ajudar-se como irmãos e serem fiéis à companhia do Graal, para crescer na amizade de Jesus e testemunhá-Lo no mundo): fizemos quatro encontros em que participaram imensos. Depois preparámos o Tríduo Pascal e estivemos com a Rose. O encontro com o arcebispo de Milão foi grandioso e lançou as férias, que fizemos presencialmente, em pequenos grupos. Além disso, muitos bispos que nos conhecem pedem para viver os gestos conosco. Quando me dei conta de toda esta riqueza, disse para comigo: «Mas como é possível? De onde vem?». A segunda coisa que queria dizer é que me apercebi que seguramente a pandemia e as séries de Tv desbloquearam as questões existenciais dos jovens (falo dos do terceiro ciclo), porém vejo também um risco: que fiquemos a remoer essas questões. É típico ver nos pré-adolescentes grupinhos onde há sempre alguém a chorar, com todos os outros à volta, e o sintoma mais grave é que habitualmente não falam com os adultos, muito menos com os pais. Quando um adulto consegue identificar estas perguntas deles, parece-me que muda alguma coisa: é um lugar de autoridade que as acolhe e, ao mesmo tempo, é uma proposta que paradoxalmente não as põe em causa, mas abre a uma caminho, a uma companhia. Por exemplo: agora é preciso estudar, preparar um exame, e nós todos os dias estudamos juntos. Queria saber se só eu sinto o risco de fazer destas perguntas uma moda, ou se é um risco real.

Há sempre o risco de que uma pessoa lamba as feridas. A questão é se estes jovens conseguem identificar na realidade adultos que os abraçam e os lançam, em vez de os fecharem numa “bolha” favorecendo que fiquem a remoer essas

questões. Cabe-nos a nós lançar os jovens, cada um segundo a iniciativa que entende ser mais adequada: desde fazer pequenos gestos a fazer-lhes companhia, provocando-os continuamente, em vez de os deixarmos sozinhos a lamentar-se.

Dou aulas quer no ensino básico, quer no secundário. Quando, ontem à noite, o Francesco voltou a fazer-nos a pergunta sobre o crescimento ou o declínio do carisma do qual somos responsáveis, pensei: «Não sei bem o que significa esta pergunta», porém enquanto tentava responder, veio-me à cabeça um episódio das férias do Graal deste verão: a dada altura, as miúdas do oitavo ano, muito vivas, começaram a viver dramas muito delas, típicos daquela idade, pelo que para onde quer que nos virássemos havia miúdas a chorar, tristes porque as férias estavam a acabar e não se iriam voltar a ver; continuavam a assediá-los, vinham ter conosco e diziam-nos: «Professora, há uma coisa importantíssima! Tenho de falar consigo!», contando-nos todas estas coisas. Até que a dada altura, na terceira noite, quando nos dirigíamos para o salão para os testemunhos, chegam três delas e dizem-me: «Professora, precisamos de falar consigo, urgentíssimo!». Oiço-as enquanto andamos, depois paro e digo: «Vamos olhar para o que está a acontecer agora, vamos olhar para o que vai acontecer esta noite. Amanhã vamos dar um passeio juntas», porque eu não tenho nada a dizer a não ser propor-lhes olharmos juntas para aquilo que estamos a viver. Pensei nisto todo o verão e também agora, neste início do ano, depois daquilo que dizia ontem o padre Andrea, ou seja, que cada um de nós chega diante da realidade com o coração que tem e a realidade traz este coração cá para fora; dei-me conta de que a única coisa que me interessa com os meus jovens é poder olhar com eles para a realidade e ver juntamente com eles o que se desvela do seu coração.

Na tua opinião, virem ter contigo assim, tal como são, com as perguntas que têm e com a confusão que têm lá dentro, é um problema ou é um recurso?

É um recurso, também para mim.

Se assim não for, a alternativa é aquela que indicava a intervenção anterior: ficarem a remoer as coisas entre elas. Os jovens podem ficar a remoer as coisas ou podem tomar iniciativas. Às vezes chegam-nos com o caos que têm dentro de si, com as suas feridas, e a questão fundamental é não ter medo que cheguem assim como são; e quando as raparigas se ligam a ti, o ponto é onde é

que asavas. Tu disseste-lhes: «Vamos dar um passeio amanhã. Vamos ver o que irá acontecer esta noite». Sempre me surpreendeu a frase de Giussani: «Jesus não concebía a sua atração sobre os outros como uma referência última a si, mas ao Pai: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai» (*L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 129). Por isso não deve ser um problema para ti o facto de que se apeguem a ti, pensando que seja necessariamente um personalismo; é inevitável este apego quando uma pessoa sente uma necessidade, como a criança que vai ter com a mãe quando precisa de alguma coisa. O problema não é tanto este, caso contrário devíamos mandá-los embora para que não se apeguem demasiado a nós. O problema é onde é que os levamos quando vêm connosco. O que é que tu precisas para viver? Àquelas jovens, tu propões aquilo de que tu precisas para viver. Só quem fez esta descoberta poderá dar aos jovens algumas sugestões de caminho – não teóricas, não como solução abstrata –, de forma a que possam fazer uma experiência de vida que os tire da sua situação, convidando-os a participar numa vida, que é a coisa mais simples. «Quem me segue terá o cêntuplo já aqui» (cf. *Mt 19,29*). Resumidamente, a que é que Jesus nos convida? A participar dum lugar – na Sua companhia – onde experimentar uma experiência da vida que ninguém sonharia nem poderia gerar por si. O convite parte da necessidade dos jovens, que te assediam precisamente devido à urgência que sentem. Se virmos este grito, temos a possibilidade de olhar para eles como somos olhados, não para os prender a nós, mas para os levarmos connosco a um lugar que alarga o horizonte, que os faz realizar uma experiência da vida completamente nova, mais entusiasmante para eles. Como dizia antes uma de vocês, quando veem esta possibilidade para eles, os jovens desejam participar deste lugar, tanto que até um aluno autista, que tinha regredido no primeiro confinamento, não vê a hora de voltar à escola. O que terá encontrado para desejar voltar, qualquer que seja a ferida, em vez de a remoer o seu desconforto? Um lugar onde a vida transborda.

Barberis. Julián, eu não tenho nada a acrescentar, pelo que nos despedimos de ti e agradecemos-te imenso por este tempo que nos deste.

Carrón. Obrigado a vocês. Boa noite!